

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAQUELINE JORDAN FYLYK
PAULA COENTRO MONTEIRO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DO
IMAGINÁRIO NO ESPAÇO ESCOLAR**

CURITIBA

2017

JAQUELINE JORDAN FYLYK
PAULA COENTRO MONTEIRO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DO
IMAGINÁRIO NO ESPAÇO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Setor de Educação como
requisito parcial para obtenção do grau
de Pedagoga no curso de graduação em
Pedagogia da Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr. Elisa Maria
Dalla-Bona

CURITIBA

2017

AGRADECIMENTOS

À professora Elisa Maria Dalla-Bona, pelas discussões produtivas ao longo da orientação, pela confiança, dedicação, incentivo, e principalmente pelo carinho.

À professora Andréa Cordeiro, pelo incentivo e amizade.

Às nossas mães, Claudia Maria Jordan e Eliane Paes Coentro, por todo amor, paciência e suporte ao longo da nossa jornada.

Aos nossos familiares e amigos, que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho, especialmente nossas irmãs Anelise Jordan Fylyk e Flávia Coentro Monteiro.

Aos nossos amigos, pela paciência, carinho e ajuda ao longo do desenvolvimento desse trabalho, em especial ao Marcelo Castellano Lopes e ao Pedro Henrique Stolarski Auceli.

A todos os professores, que de alguma maneira, contribuíram em nossa formação ao longo desses cinco anos.

À Universidade Federal do Paraná, que nos proporcionou uma visão crítica em relação à educação, fazendo com que repensássemos a prática docente.

Histórias são fontes de experiências de vida; são meios de ampliar o horizonte dos humanos; de aumentar o seu conhecimento e de potencializar a imaginação em relação ao mundo que nos cerca.

Carlos Ademir Farias e Iran Abreu Mendes

RESUMO

Estudo bibliográfico sobre a importância da literatura infantil na construção do imaginário no espaço escolar. Analisa o estado da arte, constituído principalmente de livros, dissertações, teses e artigos científicos, a respeito da literatura infantil e imaginário. Pesquisa introdutória das relações entre literatura e literatura infantil e sua importância para a construção do imaginário do pequeno leitor. Observa as diferentes perspectivas a respeito do que é literatura e o que é literatura infantil. Analisa os conceitos expostos por autores das áreas de Letras e Educação sobre as especificidades da literatura e literatura infantil. Constata que por meio do imaginário o pequeno leitor consegue resolver conflitos e compreender melhor o mundo ao seu redor. Estuda a relação do imaginário com as brincadeiras de faz de conta. Reflete sobre as contradições da escola, que ao mesmo tempo em que deseja inserir a criança no mundo da leitura literária, a utiliza como pretexto para que aprenda diversos conteúdos e se perdendo da literariedade do texto e da sua função humanizadora. Conclui que a literatura infantil auxilia na resolução de conflitos por meio do imaginário e que a escola deve ser um espaço de formação do pequeno leitor por meio da literatura infantil.

Palavras-chaves: Literatura infantil. Imaginário. Escola. Pequeno leitor.

ABSTRACT

This bibliographical study has the objective of understanding children's literature in the construction of the imaginary in the school environment. It analyses the material previously produced by books, dissertations, theses and scientific articles about children's and imaginary literature. It has an introductory research of relations between literature and children's literature and its importance for the construction of the imaginary of the little reader. It observes the different perspectives regarding what is literature and what is children's literature. It analyses the concepts evinced by authors of the areas of Language arts and science and education on the specificities of literature and children's literature. It observes if the little reader is being able to create new interpretations of the world, also uncovers if they are capable of solving conflicts and understand the reality through the imaginary. It observes the imaginary relationship with the tales game. It criticizes the school for being a contradictory environment, because the school inserts children in the reading world, but they also want them to be able to learn all the other subjects. It concludes that the children's literature assists in solving conflicts by means of the imaginary, and that the school is a training space that aids to the construction of the imaginary of the little reader through children's literature.

Key words: Children's literature. Imaginary. School. Little reader.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA: O PERCURSO DO TRABALHO.....	10
3. O TESOURO OCULTO DA LITERATURA: A LITERATURA INFANTIL	13
4. NA ILHA DA IMAGINAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL	21
5. A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do processo de escolha do objeto que iríamos estudar, diversas memórias de nossa trajetória escolar foram surgindo, e por meio delas chegamos ao nosso tema.

Desde pequenas nosso contato com a literatura na escola era muito restrito. Na escola, embora ocorressem visitas à biblioteca, elas não eram nada significativas, pois só podíamos emprestar os livros pré-selecionados pela bibliotecária. Não era permitido às crianças mexerem nas estantes e explorar o vasto acervo.

Entretanto, mesmo tendo um contato escasso com a literatura infantil naquela época, nas poucas vezes em que essa nos foi apresentada, foram momentos significativos e marcantes. Merece destaque, porque uma oportunidade inesquecível, ocasião em que uma de nós, com idade de 6 anos, conheceu a Cléo Busatto (2001), autora do livro *O dorminhoco*¹. Em visita à escola, ocorreu com a autora um diálogo sobre o seu processo de criação, fazendo com que houvesse uma identificação com a personagem do texto e transportando as crianças para a ilha da imaginação. Já em outro momento, também com 6 anos, uma de nós se recorda de ler uma história do livro *Vice-versa ao contrário*², de Heloísa Prieto e Spacca (2000), em que o vampiro sugou o sangue de uma criança com catapora. As ilustrações presentes no livro, permitiram relacionar a história com um acontecimento similar, em que um parente teve catapora. Naquele momento a literatura fez parte da construção do imaginário, e o ato de imaginar o vampiro sugando o sangue de algum parente com catapora, fizeram com que a percepção da história fosse engraçada, ao invés de ser assustadora, e assim foi possível relacionar aquele acontecimento com a realidade.

Mais tarde, durante a adolescência, com idades entre 12 e 14 anos, de maneira geral a literatura se fez mais presente em nossas vidas. Muitos professores foram essenciais para instigar a nossa curiosidade a respeito dos textos literários. Após a apresentação de obras e autores, fomos em busca de criar o nosso próprio repertório literário, como *O que toda garota*

¹ BUSATTO, Cléo. **O Dorminhoco**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

² PRIETO, Heloísa. **Vice-versa ao contrário**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

*deve saber*³, *O pequeno príncipe*⁴, *Peter Pan*, *Coletânea de livros da Agatha Christie*, *Harry Potter*⁵, *Diário de uma princesa*⁶, entre outros.

Por fim, ao ingressarmos no curso de graduação de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, pode-se ter um contato aprofundado com teorias que nos auxiliaram em nossa trajetória acadêmica. Ao longo da graduação, obtivemos contato com diferentes realidades escolares, que ocorreram por meio de estágios obrigatórios e não obrigatórios. Sendo assim, essas vivências contribuíram para a nossa formação acadêmica, permitindo ter uma reflexão acerca da literatura infantil dentro do ambiente escolar.

Durante o nosso período de estágio na escola, conseguimos presenciar práticas pedagógicas semelhantes às que vivenciamos durante a nossa infância, em que havia um dia e um horário destinado para ir à biblioteca e que haviam restrições para o empréstimo de livros. Entretanto, também observamos outras práticas, como a existência de cantos de leitura dentro das salas de aula, além de momentos destinados à leitura, que faziam parte da rotina em que havia participação de boa parte dos sujeitos do ambiente escolar.

Consideramos que a “leitura com e para as crianças são determinantes no desenvolvimento pelo interesse e o prazer de ler e devem ocorrer diariamente” (CURITIBA, 2006, p. 38), sendo fundamental para a formação do pequeno leitor e de seu imaginário. Desta forma, foram analisadas contribuições da literatura infantil, que afirmam a sua importância no desenvolvimento do imaginário do pequeno leitor no ambiente escolar. Essas afirmações serão apresentadas ao longo dos capítulos.

³ RUGEN, Samantha. **Coisas que toda garota deve saber**. 15 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

⁴ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

⁵ ROWLING, J.K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁶ CABOT, Meg. **O diário da princesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

2. METODOLOGIA: O PERCURSO DO TRABALHO

Sabe-se que a literatura é um elemento fundamental para o desenvolvimento do domínio da leitura literária. A literatura tem um grande potencial, conforme indicado por Soares (2004, p. 43) “ler histórias que nos levam a lugares desconhecidos, sem que, para isso, seja necessário sair da cama onde estamos com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas e fazer, dos personagens, amigos.” Isto é, ler um livro faz com que o leitor seja transportado a diferentes mundos e contextos, sendo capaz de se identificar e utilizar suas experiências literárias para interpretar o mundo ao seu redor. Desta maneira identifica-se o potencial da literatura para estimular “o imaginário como fator de desenvolvimento e de renovação das potencialidades humanas nas artes, na literatura, na ciência e na vida em geral.” (HELD, 1980, p. 14). O desenvolvimento do imaginário faz com que o pequeno leitor seja capaz de reinventar as interpretações do mundo que o cerca, aperfeiçoar-se e humanizar-se. Essas potencialidades são desenvolvidas, principalmente, por meio do contato do pequeno leitor com as artes, com a literatura e as ciências que estimulam o seu senso crítico e o tornam mais capaz de atuar no mundo.

A partir destas considerações iniciais apresentamos o objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso que é compreender a importância da literatura infantil na construção do imaginário no espaço escolar.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, portanto desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros, dissertações, teses e artigos científicos.

O objetivo é desenvolver uma análise introdutória dos dados já existentes sobre a literatura infantil e o imaginário infantil por meio de uma pesquisa bibliográfica, essa que:

[...] é feita com intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar, a pesquisa bibliográfica constitui parte da pesquisa descritiva e experimental. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 61)

O primeiro passo trilhado foi escolher como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica descritiva, essa que segundo Cervo, Bervian e Silva

(2007) nos permitiu registrar, analisar e relacionar o fenômeno da literatura infantil e sua relação com o imaginário. O segundo passo foi fazer uma pesquisa nas plataformas de busca *onlines* como: SciELO e *Google Acadêmico*, além do site da Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), em bibliotecas virtuais e um levantamento das obras publicadas entre os anos de 2003 e 2017. Após fazermos essas buscas, analisamos o material para entender o contexto em que elas foram escritas e julgar a necessidade da sua utilização. (CERVO; BERVIAN E SILVA, 2007). O terceiro passo foi dedicado à interpretação das informações adquiridas e organização dos materiais para iniciar o que Cervo, Bervian e Silva (2007) chamaram de “leitura interpretativa”, ou seja, realizamos a leitura crítica do material para então iniciar a escrita da síntese.

Para a busca na Biblioteca Científica Eletrônica em Linha denominada SciELO⁷ (*Scientific Electronic Library Online*), utilizamos as palavras chaves: “literatura e literatura infantil” (39 artigos encontrados); “imaginário” (516 artigos); “imaginário e educação infantil” (138 artigos). De todo este material apenas dois artigos foram selecionados, porque se relacionam diretamente ao tema deste trabalho e abordavam conceitos sobre o desenvolvimento do imaginário do leitor e sua relação com a literatura. O primeiro deles, de autoria de Elaine R. de Oliveira Lucas, Clarice Fortkamp Caldin e Patrícia V. Pinheiro da Silva (2006), trata sobre a importância que a leitura proporciona na compreensão do pequeno leitor, e o segundo, de Gilka Girardello (2011), firma que a literatura possibilita uma liberdade do leitor de criar e elaborar suas próprias conclusões sobre o mundo.

No site da Anped⁸ (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), encontramos um trabalho nos anais do grupo GT10 – “Alfabetização, leitura e escrita”, no qual são discutidas práticas de leitura que contribuem no desenvolvimento do pequeno leitor, conciliando a literatura e o

⁷ SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha) é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Especialmente desenvolvido para responder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento.

⁸ A ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Ela tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social.

imaginário. O trabalho selecionado foi o de Rafaela Vilela (2015), que discute a importância da literatura na infância e do ato de ler de novo. Na plataforma de busca *Google Acadêmico*⁹ a palavra-chave utilizada foi literatura infantil e o livro encontrado foi escrito por Anna Claudia Ramos (2006), que fala sobre os bastidores do imaginário.

Este levantamento permitiu definir como objetivo geral: discutir a importância da literatura infantil na construção do imaginário¹⁰ no espaço escolar. E os objetivos específicos:

- a) analisar a importância da literatura infantil para o desenvolvimento do imaginário do pequeno leitor;
- b) identificar artigos, teses e livros que tratem sobre a influência da literatura infantil no desenvolvimento do imaginário da criança;
- c) evidenciar a importância do trabalho na educação infantil e anos iniciais com a literatura para o desenvolvimento do imaginário das crianças.

Estudamos como o desenvolvimento do imaginário auxilia a criança ao longo da sua escolarização, e como a literatura pode ser uma grande aliada na construção do imaginário. Assim, estas reflexões foram organizadas da seguinte forma: no capítulo 3 “**O tesouro oculto da Literatura: a Literatura Infantil**” mostramos algumas concepções acerca da Literatura e Literatura infantil, as quais nos permitiram realizar uma lista com as especificidades do texto literário que contribuem para a formação do pequeno leitor; no capítulo 4 “**Na ilha da imaginação: o desenvolvimento do imaginário por meio da Literatura Infantil**” apresentamos as contribuições de Vygotsky (2007), Held (1980) e Bettelheim (2016) sobre as possibilidades do desenvolvimento do imaginário por meio da literatura infantil; no capítulo 5 “**A Literatura Infantil na escola**” discutimos a contribuição da literatura infantil na formação do pequeno leitor e as estratégias desenvolvidas pelos professores no espaço escolar.

⁹ O *Google Acadêmico* é uma ferramenta de busca online que serve para procurar: artigos, teses, livros, em ambiente virtual.

¹⁰ A palavra “imaginário” aqui se refere ao “imenso repertório de imagens, símbolos e mitos que nós humanos utilizamos como fórmulas típicas de entender o mundo e as relações com as demais pessoas” (COLOMER, 2017, p. 20) que será desenvolvida ao longo do capítulo 4.

3. O TESOURO OCULTO DA LITERATURA: A LITERATURA INFANTIL

Este capítulo aborda definições de literatura e literatura infantil, mostrando a relação delas com a formação do pequeno leitor, para que nos próximos capítulos a literatura infantil seja relacionada com a construção do imaginário no espaço escolar.

Muitos estudiosos das áreas de Educação e Letras procuraram responder "O que é Literatura?" e "O que é Literatura infantil?", porém, essas perguntas não conduzem a uma única definição, pois "tanto arte quanto literatura são conceitos abertos, isto é, trata-se de conceitos que não podem ser definidos por um conjunto fechado de propriedades necessárias e suficientes." (TERRA, 2014, p. 24)

Muitos dos autores pesquisados, como Terra (2014), Cosson (2017), Colomer (2007, 2017), Cademartori (1986, 2012) e Hunt (2010), discutem o conceito de literatura e literatura infantil, em perspectivas diferentes, reforçando a ideia de que não existe um único significado. A seguir sintetizaremos as reflexões a respeito de cada um destes autores.

Terra (2014, p. 7) afirma que "A leitura é a prática social de construção dos sentidos decorrente de um processo interativo entre autor e leitor, mediado pelo texto". O autor discorre que existem duas perspectivas para categorizar um texto como literário, sendo que a primeira é constituída de elementos do próprio texto, como linguagem e estrutura. Já a segunda, é categorizada por critérios "sociais, culturais, ideológicos e históricos" (TERRA, 2014, p. 14), e não apenas por elementos do próprio texto. Para o autor, é importante considerar a recepção, isto é, considerar a percepção que o leitor tem do livro ao lê-lo. Além disso, Terra (2014) considera que a literatura varia conforme sociedade e época, portanto, um texto é literário se for "legitimado e proclamado como tal pela crítica, pela universidade, pelos intelectuais, pela escola." (TERRA, 2014, p. 26).

A literatura para Cosson (2017) atribui um sentido à vida, pois a sociedade é capaz de relatar os acontecimentos cotidianos, como fatos, problemas e sentimentos, por meio de histórias. O autor discorreu que a literatura muitas vezes não possui um espaço significativo na vida das pessoas, pois ela comumente não é apresentada de maneira interessante. Entretanto,

mesmo que as pessoas não possuam interesse, a literatura está em vários lugares, como escola, família, cinema, entre outros. Cosson (2017) expôs duas perspectivas contraditórias a respeito da literatura: a primeira é que ela é vista como um produto e segunda é que a literatura é uso da palavra para invenção e interpretação do mundo. Para Cosson (2017, p. 24) “a literatura deve ser vista como uma atividade que produz textos, mas também *produtores* que usam esses textos para criar novos *produtos* e novas formas de fazer literatura”, ou seja, a circulação da literatura como produto faz com que a sociedade possua contato e faça parte do processo de construção do letramento literário, que ocorre quando o leitor é capaz de ler e escrever sobre um texto literário por meio de suas experiências, tornando-se apto para interpretar a realidade.

Colomer (2017) refere-se às funções principais para que o leitor seja capaz de se tornar apto para compreender o mundo por meio da literatura infantil, são elas: permitir o desenvolvimento do imaginário coletivo, isto é, o imaginário construído e compartilhado por uma sociedade; desenvolver a linguagem e representar o mundo de maneira que permita a socialização da criança/ pequeno leitor. Para a autora, a literatura infantil é como um “andaime”, que permite que a criança cresça e se desenvolva na medida em que se insere num ambiente estimulante, isto é, em que a literatura esteja presente.

Quando a criança escuta histórias, ela utiliza a linguagem para relacionar o que está acontecendo ao seu redor, transformando os símbolos existentes, imagens, objetos e sons, em imaginação. Por meio das histórias a criança é capaz de inventar brincadeiras de faz de conta. Dessa maneira, a literatura auxilia a criança a desenvolver a linguagem, permitindo que descubram “que existem palavras para descrever o exterior, para nomear o que aconteceu em seu interior e para falar sobre a própria linguagem.” (COLOMER, 2017, p. 27).

Para a autora o amadurecimento do imaginário do pequeno leitor por meio da literatura infantil depende que a escola opte por textos literários, que proporcionem ao leitor o seu desenvolvimento. Além disso, Colomer (2007) considera que desenvolvimento da consciência narrativa; ampliação da experiência de vida, e aprendizado de símbolos, devem estar aliadas à

literatura infantil. Para que essa aliança com a literatura infantil ocorra, é necessário que exista um profissional com formação literária capaz de estimular seus pequenos leitores.

Cademartori (1986) discorre que literatura infantil é uma das responsáveis pela organização do mundo por parte da criança. Quando o pequeno leitor faz uso do texto literário, ele é capaz de formar novos padrões e de se desenvolver criticamente, pois apresenta “novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais.” (CADEMARTORI, 1986, p. 20). Para a autora há um “mundo paralelo, criado pelo leitor a partir do livro” (CADEMARTORI, 2012, p. 22), ou seja, a interação que o leitor possui ao ler um livro cria portas para o mundo fantástico.

Para Hunt (2010, p. 96), a literatura infantil seria um texto destinado às crianças, ou seja, “livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças.”. Porém, o autor comenta que o conceito de criança se altera e é moldado pela sociedade e pela cultura. Como esses conceitos se modificam, Hunt (2010) prefere considerar a literatura infantil por meio da ideia de um leitor implícito, ou melhor, é por meio da leitura, linguagem, experiências e conhecimentos prévios presentes no livro que se descobre a que público se destina. Dessa forma, o autor explica a necessidade de se categorizar os livros, em literatura e literatura infantil, apesar de um mesmo livro possibilitar a leitura de qualquer sujeito, seja ele criança ou adulto.

O “texto literário possui características próprias que o diferencia dos outros textos” (TERRA, 2014, p. 9) e ele se concretiza por meio da leitura. Portanto, um texto literário só se materializa quando entra em contato com um leitor. Destacamos algumas destas especificidades:

- a) o grau de incompletude, isto é, quando o autor permite que seu leitor complete as lacunas, que são os espaços em branco do texto;
- b) a linguagem literária;
- c) a arquitetura do texto;
- d) a ficcionalidade, que está relacionada com a imaginação, é defendida por muitos autores como Terra (2014) e Eagleton (1986) como o ato de criar algo que não existe, ou seja, capacidade do autor de criar algo inexistente na realidade para seu leitor, e esse leitor ao mesmo tempo

precisa estar aberto e aceitar esse universo inventado, fora da realidade. Como por exemplo, o livro escrito por Lewis Carroll (2009) onde uma jovem garota, Alice¹¹, cai em um buraco e experimenta um mundo completamente diferente do mundo real;

- e) a cooperação é quando autor e leitor trabalham juntos, completando a história com as experiências de ambos para interpretar do seu próprio modo;
- f) a verossimilhança, que está relacionada com a verdade. É importante tomar consciência que a verdade dentro do texto literário narrado de modo coerente, pode ser mentiras contadas como verdade. Terra (2014) em um trecho de seu livro cita Cervantes explicando que uma mentira contada muito bem chega a se parecer com a verdade, também defende que os fatos narrados no texto literário não precisam ser verídicos, ou seja, “Isso cabe à história, e não a literatura” (TERRA, 2014, p. 22);
- g) a estética da recepção é uma teoria que “auxilia a compreender os efeitos do texto literário ao considerar que todo ato de leitura envolve o dialogismo, a interação entre o objeto artístico e seu leitor e que o valor literário de um texto é determinado pelo leitor” (DALLA-BONA, 2012, p. 54), ou seja, a beleza de um texto está na atribuição de sentido que o leitor dá a ele;
- h) a interação é responsável por fazer o leitor atribuir sentido ao texto literário, pois segundo Compagnon (apud Dalla-Bona, 2012) só se atribui significado após a leitura. Também é o momento em que o leitor começa a perceber os sinais e estruturas existentes no texto literário;
- i) a intertextualidade é quando o autor faz uso de outros textos para contar a história, como o livro de Pedro Bandeira (1986) *O Fantástico Mistério de Feiurinha*¹², em que o autor utiliza das histórias dos contos de fada para contar sobre uma nova princesa;
- j) pluralidade de significados é quando um texto literário apresenta várias possibilidades de elaborar um ou mais significados.

¹¹ CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

¹² BANDEIRA, Pedro. **O fantástico Mistério de Feiurinha**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2009.

Alguns autores como Terra (2014), Colomer (2007, 2017), Cosson (2017) e Saraiva e Mügge (2006), nos possibilitaram destacar algumas especificidades do texto literário destinado às crianças. O pequeno leitor ao entrar em contato com a literatura pode ser capaz de elaborar estratégias para enfrentar a realidade do mundo, além de também conhecer um espaço em que se pode compartilhar ideias e sonhos. O pequeno leitor aprende “desde cedo, que a linguagem dos livros tem as suas próprias convenções, e que as palavras podem criar mundos imaginários para além do aqui e agora.” (SILVA, 2009, p. 2). As crianças, são responsáveis por criar mundos dentro de outros mundos, fazendo conexões com diferentes ideias e dialogando com diferentes obras literárias, criando um acervo dentro da mente, sendo capaz de interpretar as lacunas existentes, conversar com diferentes textos e imaginar outros contextos. Além disso, por meio das diferentes técnicas narrativas, o pequeno leitor se depara com as particularidades da personagem, do autor e do próprio texto literário, fazendo que dessa maneira se construa a imaginação, pois a literatura oferece meios para o leitor desenvolvê-la cada vez mais.

Para Terra (2014) quanto mais o leitor possui contato com o texto literário e a leitura por bel-prazer, mais aflora sua capacidade de ler, mais amplia seus horizontes e compreensões de mundo.

Quando a criança desenvolve a capacidade de ler textos literários e construir um ou mais sentidos para ele, ela consegue gerar o prazer de ler, porque a literatura proporciona a habilidade de “criação de um mundo paralelo, que não é fuga, mas compreensão do tumulto do mundo” (SOARES apud CADEMARTORI, 2012, p. 11) como *Wendy* que fora levada à *Terra do Nunca*, para não lidar com a guerra, com isso ela acabou tornando a ilha da *Terra do Nunca* em seu lugar seguro, isto é, a criança não foge da realidade, mas ela cria um refúgio para compreender o que está acontecendo ao seu redor, e dessa maneira relacionar a leitura com a sua experiência pessoal.

Ao relacionar as experiências pessoais com a literatura infantil, qual é a primeira lembrança que nos vem à mente? Provavelmente as ações de ler, ouvir e contar histórias. Sabe-se que a oralidade é algo presente nas diferentes culturas, e que além de educar, estreita a relação afetiva entre as gerações.

Quando os pais ou familiares contam uma história para a criança ou na escola quando a professora apresenta um livro, esse é capaz de despertar a

curiosidade e possibilita o nascimento de um pequeno leitor. A partir do momento em que se tem prazer ao ouvir ou ler uma história, que podem proporcionar diferentes emoções por meio das personagens e suas tramas, a criança cria estratégias para lidar com os conflitos do cotidiano e aprende por meio delas.

Muitos autores como Coelho, N. (2000), Hunt (2010), Góes (2010), Colomer (2007) compartilham as ideias de que a literatura infantil é uma grande aliada no desenvolvimento do pequeno leitor. As percepções sobre a realidade, por parte da criança, acontecem por meio de um texto literário. As referências de leituras sócio-culturais da criança variam de leitor para leitor, considerando suas experiências anteriores, que podem ter ocorrido com maior ou menor intensidade.

A literatura infantil, na visão de Coelho, N. (2000), é uma arte representada pelo fenômeno da criatividade e o pequeno leitor é quem a constrói a partir do seu prévio conhecimento de mundo. A partir do momento em que o leitor interage com a história, ele permite a criação de significados, e a literatura é uma das responsáveis por oferecer ferramentas para que ele compreenda a realidade. Para que isso aconteça, o leitor deve ser visto como “um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude e realização” (COELHO, N. 2000, p. 27).

Neste caso, a literatura infantil cumpre tal papel, fazendo com que haja a interação e, conseqüentemente, a construção de um elo entre o imaginário da criança e sua realidade, uma vez que os significados do mundo passam a ser internalizados pela criança, e como Coelho, N. (2000) reforça, a literatura possui um papel importante dentro da sociedade, atuando como um agente formador do leitor no processo de criação do imaginário.

Já Hunt (2010) questiona a concepção de que literatura é destinada aos adultos. E que, portanto, literatura infantil seria uma literatura adaptada aos pequenos leitores, que “tendem a formar laços emocionais com figuras maduras, a ter dificuldades quanto ao abstrato, a ter menor grau de concentração que os adultos e a estar vulneráveis a percepções imediatas” (HUNT, 2010, p. 91). Pensando assim, essa literatura conteria histórias mais curtas e otimistas, em alguns casos contendo até um fundo moral, com

diálogos e linguagens adequadas para as faixas etárias, bem como crianças como personagens, permitindo uma maior identificação com eles. Um bom exemplo seria o gênero fábula, pois a sua linguagem é fácil de ser compreendida pelas crianças.

Entretanto, pensando sobre essa adaptação dos livros, Góes (2010) nos mostra que em muitos casos essas adaptações acabam tornando os livros desinteressantes aos olhos do pequeno leitor pois contém histórias superficiais e sem graça, que podem causar a longo prazo o desinteresse infantil pela literatura.

Colomer (2007) acredita que é necessário ampliar o contato com diferentes leituras, pois elas ampliam

Sua imaginação e suas habilidades perceptivas, além de seus limites atuais, de maneira que os melhores livros ilustrados são aqueles que estabelecem um compromisso entre o que as crianças podem reconhecer facilmente e o que podem compreender através de um esforço imaginário, que seja suficientemente recompensado. (COLOMER, 2007, p. 57).

As crianças também adquirem esquemas narrativos ao perceberem a mudança no tom de voz, presença das personagens, ao estabelecer conexões entre acontecimentos ou entre as mudanças de páginas dos livros, e ao relacionarem o acontecimento final com o seu início. Dessa forma, a ampliação do contato com diferentes obras deve se dar tanto na parte do texto e da escrita, como na parte da ilustração, pois o pequeno leitor precisa compreender que existem diferentes obras, com funções e para momentos diferentes, bem como com técnicas de ilustrações variadas.

Góes (1990, 2010) ainda define literatura infantil como uma arte, assim como a literatura, só que com uma “linguagem carregada de significados até o máximo grau possível e dirigida ou não às crianças, mas que responda às exigências que lhes são próprias” (GÓES, 2010, p. 27), isto é, literatura infantil pode ser considerada como toda e qualquer literatura desde que ela auxilie no desenvolvimento do pequeno leitor, seja no sentido psicológico, social, cognitivo, entre outros. A autora acredita que o livro deve permitir o “tecido de múltiplos fios-ponto-de-vista” (GÓES, 1990, p. 16), ou seja, a criança possa ter a possibilidade, ao realizar uma leitura, de ver sob a perspectiva das personagens, narrador, leitor e das diferentes linguagens utilizadas. Dessa

forma, possibilita ir além da escrita e da oralidade, permitindo experimentar diferentes emoções e sensações além de fazer uso da imaginação, formar opiniões e se tornar um leitor crítico.

Coelho, N. (2000) e Góes (2010) defendem que a literatura é uma linguagem formada por uma experiência cultural e é considerada uma arte.

Segundo Coelho, N. (2000), a leitura literária proporciona ao pequeno leitor vivenciar experiências sócio-culturais diferentes. Um autor com todo o seu arcabouço e experiências seria um emissor ao comunicar algo ao receptor, que nesse caso seriam as crianças, vistas aqui como pequenos leitores com diferentes experiências e vivências. Essa comunicação ocorre por meio dos livros e das histórias contadas, envolvendo períodos de tempo e espaço, em que os livros foram escritos e lidos. Além disso, a literatura interfere em nosso desenvolvimento, alterando nossas experiências, conceitos, emoções, críticas e linguagens, se tornando assim um “ato de aprendizagem” (COELHO, N., 2000, p. 31).

Para Cecília Meireles citada por Góes (2010), literatura infantil é tudo que a criança gosta, se interessa e lê, independente se foi escrita pensando nela ou nos adultos. Percebesse que fábulas, mitos, contos, teatros, entre outros eram no passado o que hoje consideramos literatura infantil, mostrando que há anos existe a classificação do que a criança pode e não pode ler e ouvir, e que antes de surgir a concepção de infância, já existiam literaturas destinadas a atender as necessidades das crianças. Como exemplo de literatura destinada ao público infantil cita-se *Hércules*, *O leão e o ratinho*, *A pequena sereia*, *João e o pé de feijão*, *João e Maria* e *o Patinho feio*.

Ao mesmo tempo, deve-se pensar que a literatura infantil também é pedagógica, pois as crianças, como pequenos leitores, ainda estão num período de grandes descobertas e aprendendo muitas coisas sobre o mundo e sobre si mesmas, adquirindo vocabulário, aprendendo a se comunicar, a viver e formando sua identidade. Logo, a literatura acaba sempre transmitindo alguma mensagem para elas ou lhes ensinando algo, mesmo que não se tenha o intuito de ensinar.

Por fim, por meio da literatura infantil a criança pode compreender o que acontece ao seu redor e a si mesma, ampliar as suas perspectivas de mundo, a sua percepção das relações sociais e culturais.

4. NA ILHA DA IMAGINAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil pode ser caracterizada por exprimir sentimentos, emoções, ideias, culturas e conhecimentos. Dessa forma, segundo Coelho, B. (1987, p. 10), "Literatura é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização [...]."

Pode-se observar que a literatura infantil por meio do imaginário é uma das ferramentas capazes de proporcionar o entendimento do mundo pela criança. Para ir além do entretenimento ou da curiosidade, a literatura deve

[...] ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2016, p. 11).

Ao ler um livro, transporta-se para um mundo muitas vezes novo e desconhecido, e porque não dizer cheio de criaturas mágicas? Por meio dessa aliança entre literatura e imaginário que, a criança, indiretamente recorre a literatura para resolver problemas existentes em sua realidade, mas não apenas isso, a criança também é capaz de criar mundos onde ela seja a protagonista.

Para o pequeno leitor, a existência de um mundo fantástico o ajuda a internalizar o que Peukert (1978 apud ZILBERMAN, 2003) disse das relações de significados que a fantasia pode proporcionar à criança:

[...] a fantasia é um importante subsídio para a compreensão de mundo por parte da criança: ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real; e ajuda-o a ordenar novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros. (ZILBERMAN, 2003, p.49).

Os livros infantis possuem, de fato, um papel importante na construção do imaginário do pequeno leitor, porque permitem que ele relacione suas experiências prévias com a história que acabou de ler, e expanda seus

conhecimentos e sua compreensão do mundo ao seu redor, fazendo com que a transição entre real e imaginário andem juntas no seu desenvolvimento.

Segundo Colomer (2017) o imaginário pode ser considerado como um grande acervo, aonde a criança por meio de figuras, “símbolos e mitos” (COLOMER, 2017, p. 20) tenta compreender as relações que as pessoas constroem no mundo. Algumas representações simbólicas se alteram conforme as culturas, isto é, imagens iguais possuindo diferentes significados. Porém, por meio da literatura, muitas histórias foram contadas de gerações para gerações, e possibilitou que as diferentes culturas tivessem conhecimento e acesso a uma mesma história. Dessa maneira, formou-se algumas representações simbólicas que mantiveram significados iguais em todas as culturas, os chamados arquétipos, que fazem parte do imaginário coletivo construído pela sociedade ao longo dos anos. É possível afirmar que a literatura infantil serve como instrumento para auxiliar na construção do imaginário, considerando que, ao entrar em contato com histórias desse gênero literário – sejam elas lidas em livros, contadas oralmente ou dramatizadas – o pequeno leitor tem seu conhecimento de mundo e vocabulário ampliados, ajudando na interpretação criativa da realidade que o cerca.

Por meio do contato com a literatura infantil e a experiência sócio-cultural da criança, ela inicia, indiretamente, indagações sobre identidade, - Quem eu sou? O que eu gosto? – e esses questionamentos podem ser elaboradas a partir de um texto literário. As crianças da educação infantil e anos iniciais, geralmente, possuem uma grande aproximação com os contos de fadas, estes que se fazem presente no ambiente escolar, seja por meio do livro físico ou pela contação de histórias. Para Bettelheim (2016) os contos de fadas auxiliam na construção de identidade, porque o pequeno leitor passa a alterar histórias para suprir suas necessidades, tendo que escutá-las ou lê-las várias vezes, criando um vínculo com a história a fim de tirar suas próprias conclusões. E para que isso ocorra, grande parte dos grupos infantis possuem

[...] intensa necessidade de mitos, de símbolos, de situações imaginárias compensadoras para superar dificuldades transitórias, para atingir esse equilíbrio real-imaginário que é particular a cada um, e que, em cada caso, se estabelecerá de maneira diferente. (HELD, 1980, p. 98).

Segundo Held (1980) e Vygotsky (2007), a criança, de acordo com as suas necessidades, está constantemente se movimentando entre a realidade e o imaginário, este que muitas vezes é considerado pela criança como um mundo fantástico, portanto, ambos são construídos em conjunto. Um exemplo de como a criança relaciona a realidade e o imaginário, é quando o comportamento da sociedade é reproduzido no momento em que a criança, por exemplo, ao brincar com uma boneca ou bicho de pelúcia imita os gestos vistos em seu cotidiano. Visto que a criança pode viver aventuras ou contar histórias fictícias para uma boneca, suprimindo suas necessidades, afetivas, emocionais e psicológicas, tenta realizar ações que podem ser consideradas inadequadas no mundo real.

Um fator considerado essencial para a transição entre real e imaginário é a segurança. Bettelheim (2016) discorre sobre a segurança que os contos de fadas proporcionam à criança, permitindo que por meio do imaginário e das projeções elas se sintam seguras. As projeções, segundo Bettelheim (2016) são formas pelas quais a criança procura explicações do mundo. Essas explicações ocorrem por meio das histórias, como contos de fadas, e desse modo a criança busca compreensões racionais, que a permitem se sentir segura e confiante para resolver problemas que a cerca. Da mesma forma, quanto mais projeções a criança precisa, mais insegura ela é e vice-versa. Uma vez que “Quando uma criança tenta entender a si própria e aos outros, ou imaginar quais possam ser as consequências específicas de uma ação, ela tece fantasias em torno dessas questões. É sua maneira de “brincar com as ideias”. (BETTELHEIM, 2016, p. 172)

Vygotsky (2007) considera que a criança cria projeções a partir de um objeto, podendo ou não ser concreto. As projeções podem ser caracterizadas como brinquedos, sejam estes reais ou imaginários. Considerando que “a imaginação é um processo psicológico novo para a criança” (VYGOTSKY, 2007, p.109) a literatura acaba por estimular a criança a interpretar o mundo que a cerca. Desta maneira, a criança, por meio da brincadeira de faz de conta ou da literatura, é capaz de compreender e incorporar regras, essas que podem ou não serem implícitas.

Na idade pré escolar ocorre, pela primeira vez, uma divergência entre os campos do significado e da visão. No brinqueado, o pensamento está separado dos objetos, e a ação surge das ideias e não, das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco, e um cabo de vassoura torna-se um cavalo. A ação regida por regras começa ser determinada pela ideais e não pelos objetos. Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado. A criança não realiza toda essa transformação de uma só vez, porque é extremamente difícil para ela separar o pensamento (o significado de uma palavra) dos objetos. (VYGOSTKY, 2007, p. 115)

Ao analisar esse processo de construção das regras, dentro das brincadeiras de faz de conta, parte-se do exemplo de Vygotsky (2007) ao descrever uma situação onde existem duas crianças brincando de serem irmãs. Elas partem de suas experiências prévias, uma delas “tenta ser o que pensa que uma irmã deveria ser” (VYGOTSKY, 2007, p. 111). Ou seja, é possível considerar que a criança, durante a brincadeira, traz a sua concepção de irmã de acordo com suas referências sociais e familiares, e a partir disso, cria regras implícitas para projetar esse papel. As projeções fazem com que as “pressões inconscientes” (BETTELHEIM, 2016, p. 92), regras, angústias, medos, sejam exteriorizadas por meio da brincadeira do faz de conta, permitindo que a criança aprenda a lidar com suas emoções, satisfações, desejos e por fim amadureça.

A literatura é um instrumento enriquecedor capaz de estimular a imaginação do pequeno leitor, auxiliando na solução de problemas e promovendo a confiança em si mesmo. Vale ressaltar que uma mesma história pode ser interpretada de maneiras diferentes, dependendo das experiências, necessidades ou dificuldades de cada pessoa, possibilitando que ela traga ao seu consciente a história, e faça uso do seu imaginário para que inconscientemente acalme e resolva aquilo que a perturba. Segundo o minidicionário Sacconi (2009, p. 656), imaginário é aquilo “que existe apenas na imaginação; irreal”, portanto as crianças “aprendem desde cedo, que a linguagem dos livros tem as suas próprias convenções, e que as palavras podem criar mundos imaginários para além do aqui e agora.” (SILVA, 2009, p. 2). Deste modo, a importância do pequeno leitor ter contato com várias histórias, permitindo que ele utilize de seu repertório para auxiliar o entendimento sobre si mesmo e o mundo ao seu redor.

Por fim, quando a criança tem contato com a literatura infantil, “a dimensão simbólica da linguagem é experimentada, assim como a sua junção com o imaginário e o real” (CADEMARTORI, 1986, p. 73) propiciando o desenvolvimento da imaginação do pequeno leitor para que ele, em sua leitura, consiga adquirir “liberdade e decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não” (GIRARDELLO, 2011, p. 76) para tirar suas próprias conclusões.

5. A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Neste Capítulo é discutida a importância da literatura infantil na construção do imaginário do pequeno leitor no ambiente escolar. De acordo com conceitos utilizados por Cosson (2017), Cademartori (2012), Zilberman (2003), Colomer (2007, 2017), Amarilha (2013), foi possível compreender a relação do professor na formação do pequeno leitor, mostrando as vantagens de se trabalhar com a literatura infantil na escola.

Zilberman (2003) iniciou a discussão sobre o espaço da literatura infantil na escola, abordando a historicidade das relações culturais que envolvem a infância, mais especificamente, na Idade Moderna no século XVIII. Nesse período, a literatura infantil começou a receber mais destaque por parte das famílias burguesas. Essas famílias começaram a valorizar a infância da criança e desse modo começou a expandir a visão a respeito da literatura infantil.

Para Zilberman (2003, p. 45) a literatura infantil utiliza “dois elementos” que ajudam o pequeno leitor a compreender a realidade. Primeiramente, a autora afirma que uma história pode ser capaz de mostrar ao pequeno leitor relações presentes no cotidiano que ele não consegue “perceber por conta própria” (ZILBERMAN, 2003, p. 45) e que também as histórias infantis são responsáveis por desempenharem:

[...] uma primeira forma de comunicação sistemática das relações da realidade, que aparecem à criança numa objetividade corrente. Ou, por outra: as histórias infantis são uma espécie de teoria especulativa além da atividade imediata social e individual da criança. (BAUMGÄRTNER apud ZILBERMAN, 2003, p.45).

O segundo elemento é a linguagem, esta que, segundo Zilberman (2003, p. 45), “é um mediador entre a criança e o mundo”. Essa linguagem pode acontecer por intermédio da leitura, pois quando a criança entra em contato com a leitura por meio da literatura infantil ela consegue aumentar seus conhecimentos linguísticos. Dessa forma a literatura infantil passa a possuir uma “função de conhecimento” (ZILBERMAN, 2003, p. 46), pois o ato de ler “relaciona-se com o desenvolvimento linguístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com a função específica da fantasia infantil, com a

credulidade na história e a aquisição de saber” (BAUMGÄRTNER apud ZILBERMAN, 2003, p. 46). Isto é, o pequeno leitor ao entrar em contato com a literatura infantil consegue ampliar seus conhecimentos, desenvolver sua linguagem e vocabulário além de também construir o seu imaginário.

Contudo, Zilberman (2003) refere-se à escola como um ambiente que possui peculiaridades, quando a literatura infantil aparece neste espaço, na maioria das vezes, acaba sendo usada com um caráter pedagógico, com viés moral, normativo e que é concebida na visão do adulto. Em virtude disso, Zilberman (2003) mostra que a literatura infantil, em sua natureza, possui uma duplicidade no ambiente escolar, de um lado a literatura infantil, na concepção do adulto, é atuante no processo de “dominação” (ZILBERMAN, 2003, p. 46) da criança possuindo um caráter pedagógico, e de outro lado a literatura infantil trabalha com o interesse da criança, promovendo a experiência de expandir seus conhecimentos por meio de histórias auxiliando a compreender suas “experiências existenciais” (ZILBERMAN, 2003, p. 46).

Com isso, se faz necessária uma crítica a respeito de como a escola, de forma contraditória, realiza seu trabalho, pois “assume um duplo papel – o de introduzir a criança na vida adulta, mas, ao mesmo tempo, o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior” (ZILBERMAN, 2003, p. 21). Isto é, a escola por meio da literatura infantil tenta auxiliar o pequeno leitor a compreender o mundo, entretanto, muitas vezes, nesse processo acaba por querer legitimar o ensino conteudista, esse que prioriza a utilização de livros paradidáticos e didáticos na educação infantil e anos iniciais.

Portanto, levantamos alguns questionamentos sobre quais as contribuições da literatura infantil para a formação do imaginário do pequeno leitor; como a escola utiliza a literatura infantil; e quais as estratégias que podem ser utilizadas pelos professores para auxiliarem na formação do pequeno leitor.

Primeiramente, é necessário compreender que a escola é vista pela sociedade como “instituição que garante o conhecimento comum” (COSSON, 2017, p. 23) e, portanto, é tida como a responsável por atitudes que venham a aparecer na formação do pequeno leitor. Deste modo, a escola julga como essencial o domínio da leitura e da escrita. Entretanto, para Coelho, N. (2000), esse domínio vai além da alfabetização, sendo chamado de letramento.

Mas então qual seria a importância do letramento literário dentro da instituição escolar? Quando falamos da leitura, do ato de ler e interpretar o que o texto nos conta, e relacionar com o que D'Espíndola (2009) chama de ação contínua e cotidiana, o letramento se torna tão importante quanto a alfabetização, pois é responsável por ensinar a criança a ler e escrever dentro de um contexto onde ambas tenham sentido. O letramento literário:

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos de gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES apud MACIEL; LÚCIO, 2008, p. 2)

O letramento literário segundo Soares (2001 apud MACIEL; LÚCIO 2008) vai além do simples ato de ler um texto literário, pois uma das suas funções é formar um leitor que compreenda o que está lendo e que seja capaz de dialogar com o mundo.

Para formar um leitor literário é necessário que “a função social da leitura” (CALDIN, 2003, p. 51), essa que auxilia o sujeito a entender sobre o mundo, oportunize o pequeno leitor a elaborar questionamentos acerca do texto. Para que isso ocorra, é fundamental que o texto literário seja capaz de mostrar “múltiplas leituras” (CALDIN, 2003, p. 51), permitindo à criança relacionar a leitura com suas experiências.

O texto literário segundo Saraiva e Mügge (2006, p. 36) “é estruturado de maneira lacunar, sendo marcado, simultaneamente, pela determinação de significados e pela abertura à pluralidade dos sentidos”, ou seja, o pequeno leitor ao ler um texto literário se torna responsável por atribuir um significado, esse que não é singular ao texto, mas sim “mutável e transitório” (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p. 36).

Com isso, é primordial que a escola considere que tornar-se um leitor literário é um “processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas” (CADEMARTORI, 2012, p. 24), porque cada leitor traz

consigo uma singularidade com suas particularidades, conhecimentos, histórias e sentimentos, vivendo em múltiplos contextos sociais, econômicos e culturais, que ao longo do processo escolar vão se moldando.

Para Cademartori (2012, p. 25) o leitor, ou esse novo sujeito que irá se construir um leitor, encontra na literatura um “modelo de construção de sentido”, sendo muitas vezes um modelo que proporciona o entendimento do mundo, e desse modo, acaba se tornando um refúgio. Para as crianças, que se encontram em vulnerabilidade social, não possuindo estímulos por parte da família, a sala de aula muitas vezes se transforma em um abrigo quando se tem contato com a literatura infantil, o que não faz a criança fugir da realidade, mas que auxilia na resolução de conflitos por meio do imaginário.

Assim, se considera que a literatura infantil possui um importante papel de formação social por meio da escola, pois ela utiliza a linguagem como um meio de comunicação. A linguagem significa:

(lin-gua-gem)

sf.

1. Faculdade que possui o homem de poder expressar seus pensamentos por um sistema de signos, sinais, símbolos, sons, gestos ou regras.

2. Comunicação do pensamento, sentimento.

3. Maneira particular ou pessoal de se expressar.

(SACCONI, 2009, p. 744).

Dessa forma, a linguagem é desenvolvida e construída socialmente por meio da interação com o outro, portanto, ao se realizar a leitura de um livro, o pequeno leitor pode ser influenciado pelas obras literárias, essas que se tornam um instrumento necessário para conscientização da sociedade (CALDIN, 2003). Para Saraiva e Mügge (2006) a conscientização é possível por meio da leitura, sendo aqui considerada um ato de comunicação, onde o leitor apropria-se da visão de mundo que o autor possui, e assim acrescenta as suas percepções para atribuir significado à história.

A literatura para Cosson (2017) é de suma importância para a formação do sujeito e, portanto, o ensino dela dentro da escola deveria ser mais presente. Trazendo a discussão da importância da literatura para a realidade da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, sabe-se que existem muitas escolas, da rede pública e privada, que disponibilizam

espaços nas salas de aula à leitura, esses que são os chamados “cantos de leitura”. Nesses locais, o pequeno leitor deveria poder escolher livros que goste ou com os quais se identifique pois, de acordo com Cademartori (2012), a criança quando está construindo sua identidade necessita de histórias que possam servir de referência para a sua compreensão do mundo, permitindo-a “organizar vivências que teve” ou por “antecipar o que ainda não foi experimentado” (CADEMARTORI, 2012, p. 46), partindo do pressuposto que a criança, como pequeno leitor, amplie seu repertório verbal, cultural e histórico.

Porém, o tempo destinado às leituras é curto, e em alguns casos, os professores disponibilizam poucos livros, já pré-selecionados, visando preservar o pequeno acervo. Assim, mesmo quando os livros de literatura infantil estão presentes nas escolas, nem sempre os alunos têm acesso a eles, ou o acesso é cerceado pelo professor que não permite ao leitor explorar os livros e desenvolver a sua autonomia para escolher o que mais lhe agrada.

Considerando que a literatura é uma arte que proporciona autonomia, caberia aos professores mediar e auxiliarem no desenvolvimento dessa autonomia. Contudo, em muitos casos, os professores não conseguem dar suporte para desenvolver a autonomia do pequeno leitor, acabando por limitar suas experiências com a literatura infantil. Essa limitação pode ser causada por diversos fatores, um deles segundo Cademartori (2012) é que o próprio professor não é um leitor literário, e assim ele acaba por possuir dificuldade de introduzir a literatura em sala de aula. Essa dificuldade pode aparecer no momento da contação de história ou na roda de conversa, uma vez que o próprio professor após a leitura do texto literário não permite o diálogo entre as crianças. Sabe-se que esses diálogos, trocas de informações, são fundamentais para o processo de construção do imaginário, e a não permissão da discussão do texto ou das ilustrações em sala de aula, acaba por inibir a curiosidade da criança gerando um possível afastamento do contato com a literatura.

Todavia, para suprir as necessidades de se trabalhar com a literatura infantil, com intuito de torná-la presente em sala de aula, é necessário implantar atividades que propiciem o diálogo sobre o texto literário lido.

Para Colomer (2017) o uso de atividades, se bem contextualizadas, devem ser realizadas com uma certa frequência fazendo parte da rotina

escolar. As atividades devem auxiliar e contribuir na formação do pequeno leitor, aproximando-o da literatura infantil.

Entretanto, se o professor não elabora atividades contextualizadas que exigem a participação do pequeno leitor na construção do significado do texto, esse que pode e deve possuir uma “pluralidade de sentidos” (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p. 36) acaba por limitar a interpretação da criança a respeito do mundo. Pois, uma vez que se limita a multiplicidade de significados e interação do leitor acaba-se por reprimir o desenvolvimento do imaginário. Situação como esta tivemos a oportunidade de presenciar durante a realização de estágios no curso de Pedagogia, no qual uma atividade que deveria estimular o imaginário da criança e fazer com que essa se interessasse pela literatura infantil, acabou por reprimi-la.

A atividade a que nos referimos ocorreu numa turma do 3º ano do ensino fundamental. A professora determinou que os alunos lessem nas férias de julho o livro *A Verdadeira História dos Três porquinhos*¹³. No retorno não houve uma discussão a respeito da história que leram, a professora pediu para os alunos na sala de aula relerem individual e silenciosamente o texto novamente, não os permitindo trocar informações que adquiriram ao ler o livro, nem mesmo compartilhar as conclusões que tiraram a respeito da história. Após lhes foi entregue questões que limitavam a interpretação dos pequenos leitores ao responder: quem escreveu a história; quais são as personagens; o que você entendeu do texto; e se o lobo mau estava falando a verdade.

Com isso foi desperdiçada a oportunidade do debate, da percepção de diferentes pontos de vista sobre as atitudes dos personagens, sobre o enredo, a ilustração e de ser desenvolvida uma atividade que estimulasse a construção do imaginário por meio da literatura. Para isso, o professor poderia utilizar do recurso da massa de modelar, propondo para a criança criar um novo começo ou final. Ao se utilizar a massa de modelar as crianças seriam capazes de atribuir significados por meio da brincadeira, reproduzindo a história e compreendendo o mundo ao seu redor. O professor ao montar um plano de aula que envolva a literatura infantil poderia pensar em diferentes estratégias

¹³ SCIESZKA, Jon. **A verdadeira história dos três porquinhos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

que auxiliassem a criança na leitura oferecendo instrumentos para que ela se desenvolva.

Ao discorrerem sobre as estratégias de leitura Giroto e Souza (2010) ressaltam que estratégias de leitura auxiliam o pequeno leitor a estabelecer conexões com o texto literário a partir de seus conhecimentos prévios, esses que “podem então ser relacionados às ideias do texto” (GIROTO; SOUZA, 2010, p. 50) e acabam atingindo diretamente a compreensão da leitura. A compreensão por parte do pequeno leitor pode ser promovida pelas condições sociais em que esse se encontra, dessa maneira o auxiliando a elaborar hipóteses acerca do texto. As autoras ressaltam a importância de um mediador que auxilie o pequeno leitor em sua formação mostrando o caminho para criar conexões com o texto utilizando seus conhecimentos. Lima (2015) afirma que a criança como pequeno leitor consegue, evidentemente, formular sentidos ao texto por meio de seus conhecimentos prévios, pois esses são as bases para a compreensão do mundo.

Cosson (2017) discorre que a leitura atua ativamente no processo de construção de significados, isto é, a leitura é “formativa” (COSSON, 2017, p. 46) e é por meio das estratégias de leitura que auxiliam no processo de ensino aprendizagem. Essas estratégias acabam por ativar os conhecimentos prévios, as experiências que o leitor teve, as conexões que ele estabelece com o texto, as inferências, isto é, dicas sutis que aparecem dentro do texto literário, a visualização do texto, ou seja, utilizar a imaginação para criar as cenas ou para relembrar, e por fim a sumarização que é quando o leitor consegue separar os elementos importantes do texto. (COSSON, 2017).

Colomer (2017) apresenta como o professor pode propor diferentes estratégias e atividades, que promovam o desenvolvimento do aluno. Sendo elas:

- a) propor atividades em que o aluno realize leituras em voz alta;
- b) atividades que desenvolvam a autonomia do pequeno leitor;
- c) momentos de trocas de livros;
- d) momentos de construção compartilhada;
- e) contar a história em pequenas doses.

Para Colomer essas atividades podem ampliar o repertório da criança, ao se propor uma atividade em que o pequeno leitor leia em voz alta, permite-se que ele internalize o texto por meio de sua fala, desenvolvendo a linguagem e a interpretação, e isso acaba por gerar uma aproximação com o texto literário, instigando o pequeno leitor a buscar novas leituras. Já as atividades que desenvolvem a autonomia permitem que o pequeno leitor se reconheça como leitor, possuindo autonomia para escolher o livro e desenvolver “a rapidez da leitura e assimilação dos progressos realizados” (COLOMER, 2007, p. 102).

No momento de troca de leitura o pequeno leitor consegue observar que um mesmo texto pode gerar diferentes interpretações, além de desenvolver a argumentação sobre o texto literário, ou seja, sendo capaz de expor sua opinião sobre a história.

Também é importante discorrer sobre os momentos de construção compartilhada, onde o professor auxilia o pequeno leitor em sua elaboração social de significado por meio da interação com outros leitores. Dessa forma, lhe oferecendo a “oportunidade de ler textos mais variados”, e informações que levem “mais adiante a compreensão dos textos”, em um “contexto adequado” (COLOMER, 2017, p. 108), ou seja, o professor por meio do momento de construção compartilhada oportuniza o pequeno leitor a ter um maior contato com diferentes textos literários. Ao realizar a leitura de histórias em pequenas doses, o professor propicia ao pequeno leitor ler a história aos poucos, permitindo uma melhor compreensão das sequências narrativas.

Com isso, considera-se importante o professor permitir o acesso e aproximar o pequeno leitor da literatura infantil, pois a partir dela ele consegue expandir os seus conhecimentos de mundo e interpretar a realidade. Para que o pequeno leitor expanda seus conhecimentos é necessário que ele, nesse processo, seja capaz de construir a sua identidade por meio de narrativas, muitas vezes se colocando no papel de uma personagem.

Quando o pequeno leitor se coloca no papel de uma personagem, ele pode: conseguir mediar um diálogo com o adulto, sejam eles pais ou professores; compreender um conjunto de regras estabelecidas pela sociedade; desenvolver seu senso de criação, ou seja, a imaginação. Esses papéis, isto é, representações, aparecem em brincadeiras de faz de conta,

onde a criança pode reproduzir o comportamento de uma personagem que leu em uma história, ou ainda, comportamentos presentes em seu cotidiano por meio da imaginação.

Segundo Souza (2016, p. 58), o professor, indiretamente, acaba por ensinar e contribuir para o “desenvolvimento dos modos, gestos e ações embrionárias do ato de ler, como prática histórica, discursiva e culturalmente constituída”.

Quando a criança ingressa na escola, na educação infantil, uma das abordagens pedagógicas utilizadas pelas professoras para auxiliar no desenvolvimento do imaginário do pequeno leitor ocorre por meio da contação de histórias. Nela o uso da voz é essencial, e segundo Souza (2016, p. 50) a voz permite a “ampliação de interesse de leitura pela criança, leitor em formação”, pois ela está sempre acompanhada de gestos, entonações, expressões faciais e emoções. O ato de “Ouvir histórias também amplia a competência comunicativa e as possibilidades de expressão verbal das crianças” (CURITIBA, 2009, p. 60), ampliando, assim, a imaginação, o senso crítico, além de despertar o interesse e a afetividade. Segundo Hunt (2010), as crianças apresentam maneiras diferentes de pensar, interpretar e interagir com as histórias e os gêneros literários, portanto, ao permitir a participação do pequeno leitor, é possível que se tenha novos olhares e percepções.

Como uma contação de história que presenciamos em uma turma de educação infantil, durante os períodos de estágio no curso de Pedagogia. Nessa observação do espaço escolar, diariamente a professora realizava a contação de contos, como *Chapeuzinho Vermelho*, *Cachinhos Dourados e os Três Ursos*, entre outras, e paralelamente a essas histórias a professora contou *O carteiro chegou*¹⁴. Durante a contação de história, ela criou um espaço em que as crianças puderam participar, propiciou a discussão, após a contação da história, e estabeleceu a intertextualidade para que as crianças conseguissem perceber a relação desta com outras histórias. A história do carteiro é rica em intertextualidade, pois ele vai entregando cartas para as personagens das clássicas histórias infantis. Percebeu-se que nos momentos de brincadeiras, as crianças reproduziam o comportamento das personagens das histórias,

¹⁴ AHLBERG, J. e ALLAN. **O carteiro chegou**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

brincando de ser a Chapeuzinho Vermelho, o carteiro entregando as cartas. Além disso, a professora conseguiu instigar os alunos propondo a escrita de uma carta coletiva para a Chapeuzinho Vermelho. Ao escrever a carta para a personagem as crianças ficaram muito animadas e queriam continuar a escrever cartas coletivas. Uma vez que se possibilita o contato, entre leitor e texto, permite-se a construção do imaginário da criança por meio da literatura, essa que “é o uso da palavra para criar mundos ou um sentimento de mundo”. (COSSON, 2017, p. 23).

Visto isso, consideramos importante que a criança entre em contato com o mundo das histórias uma vez que esse exercício permite que ela demonstre sentimentos, emoções, ideias, culturas e conhecimentos, tendo a possibilidade de compreender melhor a si mesma e o mundo.

Essas novas manifestações aparecem nas brincadeiras de faz de conta, que segundo Held (1980) é quando a criança internaliza os acontecimentos do mundo por meio da literatura, essa que é carregada de palavras e significados. Esses significados são compreendidos pelo imaginário, pois a criança reproduz o que vivencia na sociedade ou cria um novo mundo, para assimilar a realidade que a cerca.

Outra manifestação, que gera transformação, são os pequenos leitores escutarem uma história em seus meios sociais, e serem capazes de inventar contos nos quais eles são os protagonistas. Com isso, acabam por reproduzir um comportamento que internaliza a situação vivenciada/contada e, depois, externaliza usando seu imaginário através de uma contação de uma história autoral, ou da criação de uma brincadeira de faz de conta. Portanto, a capacidade interpretativa da criança depende do desenvolvimento dessas habilidades, bem como do meio em que ela está inserida e o que lhe é familiar.

Nem todas as histórias propiciam ao pequeno leitor uma interpretação que seja significativa ou que desenvolva seu imaginário, portanto é fundamental selecionar aquelas que tragam temas capazes de instigar a mente do pequeno leitor, para que ele, futuramente, consiga lidar com as situações adversas, manter seu emocional equilibrado e ampliar seu repertório.

Para Bettelheim (2016), ao permitir que o pequeno leitor se projete em alguma personagem e faça uso de sua imaginação, a literatura traz o conforto e a segurança necessários para que ele desenvolva confiança em si mesmo e

se torne capaz de aprender a resolver seus problemas por meio de seus raciocínios. Assim, as crianças devem ser estimuladas.

[...] a enfrentar seus medos, vencer suas dificuldades e, sobretudo o preparo para a vida e é com este contato primordial, que ela encontrará meios para o seu desenvolvimento afetivo e emocional, pois sua sensibilidade capta a sua realidade. (SILVA, 2009, p. 3)

Com isso, é possível relacionar a oralidade e o ambiente escolar na construção do imaginário. Dentro da escola a oralidade pode ajudar a desenvolver a sensibilidade do leitor de captar o mundo auxiliando-o no seu equilíbrio emocional, ampliando seu repertório, instigando a imaginação e o ajudando a transformar a realidade em que se encontra de acordo com as suas necessidades. A oralidade auxilia na interação entre falante e ouvinte, sendo um capaz de se comunicar e o outro de perceber o som ouvido bem como a informação transmitida para então refletir sobre o significado do que lhe foi dito. (AMARILHA, 2013). Ou seja, ler histórias em voz alta, o que ocorre principalmente na educação infantil, permite que o pequeno leitor faça relação entre real e fictício, bem como interaja e mude sua relação com as palavras e sons, ampliando suas “ideias e conhecimentos”, e favorecendo “o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da observação, da memória, da reflexão e da capacidade de atenção dos estudantes.” (AMARILHA, 2013, p. 17), além de também possibilitar a interação com o outro. Por que contar uma história por meio da oralidade é

Uma cultura própria, viva, transmitida de boca a boca, que é reelaborada pelas crianças segundo suas necessidades e, muitas vezes, transformada em algo diferente daquilo que serviu como inspiração. (CURITIBA, 2009, p. 62).

Muitas vezes, para que o pequeno leitor consiga transformar suas necessidades por meio da oralidade, seja ela através da contação de história ou da leitura em voz alta, a criança procura reproduzir aquilo que lhe serviu de inspiração, podendo essa ser uma personagem da história. Dessa maneira, Faria (1999) argumenta sobre a admiração que o pequeno leitor desenvolve ao se identificar com uma personagem, gerando sentimentos positivos ou

negativos, esses que influenciam na vida da criança, pois assim como ela, possuem histórias engraçadas, felizes, heroicas, infelizes, trágicas, de aventuras, entre outras. Para isso, o professor deve mostrar histórias que contenham diversas temáticas, que auxiliem esse leitor no seu desenvolvimento emocional sendo capaz de entender a realidade por meio do imaginário.

A leitura também possibilita a capacidade de abstrair o som da palavra para compreender o seu sentido, conseguindo acompanhar e se envolver com a história. Ao fazer uso da literatura, seja por meio da oralidade ou da leitura, em sala de aula o professor precisa estimular “o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*” (COELHO, N., 2000, p. 16, grifo do autor) no pequeno leitor.

Dessa forma, podemos dizer que o pequeno leitor ao realizar uma leitura de um texto literário ou por meio da contação de história, ele produz, cria e complementa algo na história conforme vai lendo; ele recebe algum significado trazido pelo texto bem como elabora os seus próprios significados; e ele se comunica ao realizar essas interações com o texto e ao argumentar com o outro; além de possibilitar interações com as mais variadas culturas, pois um texto sempre acaba veiculando algo de uma determinada cultura.

Góes (2010, p. 28) diz que “dependendo das circunstâncias que cercam o leitor, tais como suas características individuais (escolaridade, região, estímulos recebidos, acesso ou não aos livros, ambiente familiar, etc.), teremos diferentes interesses e diferença de compreensão e capacidade de aproveitamento.”. Cabe então à escola proporcionar o contato com os mais variados gêneros literários para que o pequeno leitor tenha um repertório literário variado, sendo capaz de compreender que cada gênero possui esquemas textuais, isto é, características específicas que influenciam na maneira de se organizar, viabilizando que ele se aproxime e compreenda com mais facilidade a história e sua significação, além de também estabelecer relações quando há intertextualidade, sem a necessidade de ensinar e categorizar isso a princípio. Além disso, ao expandir o contato com a literatura, permite que o aluno, conforme vai realizando as leituras, desenvolva um hábito

de leitura, adquira vocabulário, aprenda novos conceitos, e crie preferências por certos gêneros literários. (GÓES, 2010).

Sabe-se que as histórias nem sempre nos contam todos os detalhes, e que muitos deles como características de algumas personagens, alguns cenários ou desfechos são deixados por conta da imaginação do leitor. A construção de uma parcela da história por parte do pequeno leitor acaba sendo influenciada por informações prévias adquiridas sobre a história, experiências vivenciadas por ele, histórias já lidas anteriormente, além do imaginário. Portanto “reconhece-se o leitor e sua bagagem como elementos constituintes da rede de sentidos que circulam na interlocução entre leitor e texto” (AMARILHA, 2013, p. 62), essa interlocução possibilita que a literatura seja fundamental na formação da “identidade do leitor” e de como ela auxilia na construção do diálogo do texto com o imaginário.

A literatura se comunica e estabelece um diálogo com o pequeno leitor, possibilitando uma maior ou menor identificação com alguma personagem. Isso permite ao leitor vivenciar temporariamente experiências vivenciadas pelas personagens. Amarilha (2013) caracteriza a identificação em dois grupos: por espelhamento e por alteridade. Por espelhamento, o pequeno leitor se identifica com uma personagem com alguma característica semelhante a si, enquanto que por alteridade ele se identifica com o outro, que é diferente de si. Portanto, pode ocorrer identificação com mais de uma personagem, em momentos distintos da história. Dessa forma o pequeno leitor é capaz de se reconhecer em alguma personagem e concomitantemente/juntamente, mesmo que temporariamente, ser ele mesmo ou também ser o outro. Essa mediação entre o que se é e o que se pode ser permite ao pequeno leitor se transformar, e mudar sua percepção sobre a realidade.

A escola precisa ensinar as crianças com afeto, sem traumatizá-las, principalmente quando se trata da literatura, pois muitas vezes é vista pelos alunos como algo maçante. Para que os pequenos leitores estabeleçam “relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior” é necessário que eles formem uma “consciência” que os auxiliará a descobrir o mundo em que vivem, possibilitando que eles se sintam seguros para então “poder agir” nele. (COELHO, N., 2000, p. 51, grifo da autora). Isto é, a escola influenciará na relação da criança com a literatura, além de possibilitar a criação de uma

consciência de si mesmo e também do outro, permitindo que explore o mundo por meio da leitura, adquirindo conhecimento e maturidade, e se sentindo seguro para atuar na sociedade.

Gregorin Filho (2009, p. 89) discorreu que exercícios de leitura são essenciais para formar leitores, mas esses exercícios devem estar de acordo com a capacidade de leitura de cada um, além de também “oferecer meios e estímulos para que o leitor vença outras etapas, consiga decifrar novos códigos e se torne cada vez mais plural”. Deve-se compreender que “Não retornamos iguais da Terra do Nunca; nosso ser retorna alterado, expandido.” (PETIT, 2011, p. 2-3, tradução nossa)¹⁵, ou seja, a literatura nos permite voar e viajar para outros mundos e realidades, e ao voltarmos, isto é, ao terminarmos a leitura, voltamos diferentes. Dessa forma, o professor, ao ter contato com essas diferenças em sua sala de aula, deve cada vez mais estar preparado para desenvolver seu trabalho de maneira que acrescente na formação de seu aluno, além de permitir que ele expresse seus gostos, entendimentos e preferências (GREGORIN FILHO, 2009).

Por fim, todas as pessoas da escola e não só o professor precisam ver a criança como um leitor ativo. Além disso, devem acreditar na capacidade de mudança e de novos aprendizados que a literatura pode proporcionar, pois sendo assim, “submergir as crianças em um mundo onde os livros existem implica a participação de toda a comunidade educativa, assim como das famílias.” (COLOMER, 2017, p. 97), para que juntas, sejam capazes de influenciar, motivar e estimular a construção do imaginário de seus pequenos leitores.

¹⁵ “No regresamos iguales del País de Nunca Jamás; nuestro ser retorna cambiado, ampliado” (PETIT, 2011, p. 2-3)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras realizadas para a elaboração deste trabalho, foi possível identificar a importância da literatura infantil para a construção do imaginário do pequeno leitor dentro do ambiente escolar.

A pesquisa bibliográfica realizada nos permitiu concluir que a literatura infantil é importante para a formação do imaginário do pequeno leitor, devido às suas especificidades. Podemos destacar algumas: o uso da ficcionalidade, isto é, conter personagens ou elementos que não são reais; a intertextualidade - diálogos com outros textos, ou seja, a intertextualidade permite abertura de novos mundos a partir do diálogo entre textos; grau de incompletude - permitindo que o leitor possa completar a história com suas experiências.

Estas especificidades auxiliam o pequeno leitor no processo de construção do imaginário. A imaginação é estimulada quando a criança entra em contato com a história, seja por intermédio do livro ou pela contação de história. Por meio da literatura infantil e de seu imaginário, o pequeno leitor se sente seguro, podendo solucionar problemas por meio de brincadeiras de faz de conta.

A brincadeira de faz de conta possibilita que a criança reproduza o mundo ao seu redor. Muitas vezes as crianças mostram em suas brincadeiras experiências anteriores, mas também podem apresentar características semelhantes a uma personagem de uma história que lhe foi contada, ou seja, as crianças representam aquilo que foi mais significativo ressaltando o que de fato compreendeu. Essas representações por meio das brincadeiras auxiliam a criança na construção da identidade e na atribuição de significados para melhor compreender o mundo.

Por fim, evidenciamos que a presença da literatura infantil dentro da escola é necessária, pois, ela é uma das instituições que intervêm na formação do leitor literário, mesmo que algumas práticas sejam contraditórias em relação à literatura infantil, ela permite que a criança expanda seus conhecimentos por meio do letramento literário. O letramento literário ocorre quando o pequeno leitor, por meio de suas experiências pessoais e coletivas, utiliza-se da leitura literária para interpretar a realidade que o cerca e transformá-la. A consecução deste movimento na escola depende do professor propiciar um encontro

significativo dos alunos com os livros; oportunizar o diálogo sobre as histórias lidas e que externem opiniões; reflitam sobre o diálogo entre texto e ilustrações; relacionem os enredos com as suas vidas. Enfim trata-se da realização na escola de atividades contextualizadas, permitindo que o pequeno leitor seja capaz de transitar entre real e imaginário por meio da literatura infantil para que ele consiga tirar suas próprias conclusões a respeito do mundo.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: educar para ler ficção na escola. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. 2. ed. Belo Horizonte: Auntência Editora, 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 47-58, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro A; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

_____. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Trad. de: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba. v. 2. Curitiba: SME, 2006. Disponível em: <<http://www.cidadedoconhecimento.org.br/cidadedoconhecimento/downloads/arquivos/3009/download3009.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. Caderno pedagógico: oralidade / Secretaria Municipal da Educação. 2. ed. rev. Curitiba: SME, 2009. 101 p. (Cadernos pedagógicos de educação infantil, 1) disponível em: <http://www.cidadedoconhecimento.org.br/cidadedoconhecimento/downloads/cadernos_pedagogicos/Educacao%20Infantil/Linguagens/Oralidade.pdf>. Acesso em: 21 de maio 2017.

DALLA-BONA, Elisa Maria. **Letramento literário: ler e escrever literatura nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2012. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2012/d2012_Elisa%20Maria%20Dalla%20Bona.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.

D'ESPÍNDOLA, Vamilson Souza. **Letramento, leitura e escrita**. 4f. Trabalho Acadêmico (Fundamentos da Linguística) – Curso de Pedagogia, UNIASSELVI, 2009.

EAGLEATON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam**. São Paulo: Contexto, 1999.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil**. Múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 72-92, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio 2016.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.) et al. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GÓES, Lúcia Pimentel. **A aventura da literatura para crianças: formas de avaliação da literatura infantil e juvenil através da obra de Francisco Marins**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1980.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Nova Geração, 2009.

LIMA, José Augusto Soares. Uxa, ora fada, ora bruxa: a conexão como estratégia de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de; PINHEIRO, Helder (org.) **Literatura infantil e formação de leitores: estratégias de leitura**. Campina Grande, Paraíba: UFCG, 2015.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspect. Ciênc. inf.** [online], Belo Horizonte, v.11, n.3, p. 398-415, dez.2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362006000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 maio 2016.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes (Orgs.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, p. 13-33, 2008.

PETIT, Michèle. Peter Pan y Wendy o el derecho a la ficción, 2011. Disponível em: <<https://www.cuatrogatos.org/detail-articulos.php?id=415>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

RAMOS, Anna Claudia. **Nos bastidores do imaginário**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=TBLiC29Sc4wC&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Anna+Claudia+Ramos%22&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiC3Ku71vXMAhVPipAKHQXSxwQ6AEIKDAC#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 23 maio 2016.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. **Literatura na escola**. Propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: ARTMED, 2006, p. 11 – 51.

SILVA, Luciana Sponton da. **A importância da literatura infantil no desenvolvimento de crianças com 4 anos**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC33387801840.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira de. Literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura. **Fronteira Z. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**. n.17, p. 43-59, dez. 2016. Disponível em: <[Http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/28941/21241](http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/28941/21241)>. Acesso em: 5 mar. 2017.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

VILELA, Rafaela. **Ler de novo ou ler o novo? Práticas de leitura de crianças na biblioteca pública**. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37, 2015, Florianópolis: trabalho apresentado. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT10-4037.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. Trad. de: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. Editora Global, 2003.